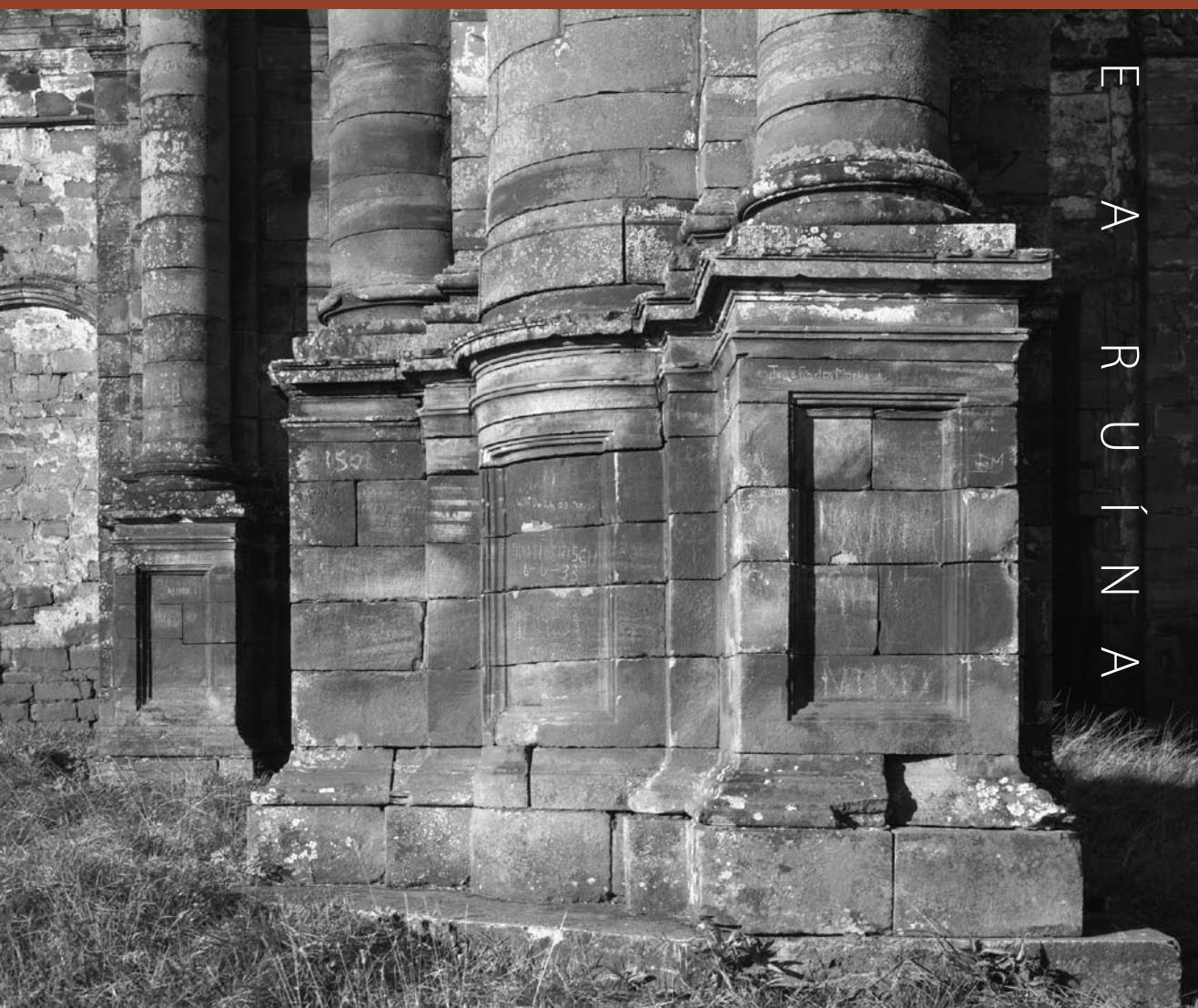


O S O N H O
E A R U I N A

Luiz Carlos Felizardo



O Edital Arte e Patrimônio foi lançado em 2007 com o objetivo de criar uma linha de financiamento a projetos que estabeleçam diálogos entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio artístico e histórico nacional. Por um lado, trabalhos artísticos e processos estéticos atuais e, por outro, os acervos, as tradições, as culturas e os sítios que estabelecem a memória do País. Essa sugestão de interações múltiplas é um modo de celebrar os 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Formada por Afonso Luz, Carlos Zilio, Cristiana Tejo, Fernanda Barbará, Lauro Cavalcanti, Lorenzo Mammi, Marisa Morkarzel, a comissão julgadora se reuniu em outubro passado para selecionar, entre os 138 projetos recebidos de todo o Brasil, 12 propostas que priorizavam a inter-relação entre as artes visuais contemporâneas e os patrimônios brasileiros escolhidos. Foram selecionados dois projetos que propõem uma leitura histórica das artes visuais e dez projetos que difundem a temática da interação entre as artes visuais e o patrimônio cultural brasileiro.

Nesta primeira edição do Edital foram selecionados projetos que fazem interações entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Paraná e Rio Grande do Sul e entre as regiões Sul e Nordeste. A relação de todos os projetos selecionados está disponível no site www.artepatrimonio.org.br.

 A exposição “O Sonho e a Ruína” de Luiz Carlos Felizardo propõe uma leitura em diversos momentos da missão de São Miguel Arcanjo, mostrando através de seus detalhes uma visão contemporânea da arte de fotografar. 

O Edital Arte e Patrimônio é uma iniciativa do Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, por meio do Paço Imperial, com patrocínio da Petrobras.



O S O N H O E A R U Í N A

Quem percorre os espaços do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, no noroeste do Rio Grande do Sul, é de pronto invadido por um sentimento inusitado. As descrições dos que visitam o local pela primeira vez convergem para algo que orbita em torno de adjetivos como mágico, místico, ascético. Muito se deve, sem dúvida, à grandiosidade do edifício principal, a catedral de São Miguel; outro tanto à consciência das várias conquistas e embates travados naquele solo; e há, naturalmente, a vastidão da paisagem local, da terra vermelha que impregna e mancha as ruas, as paredes das casas, a pele dos que vivem na zona missionária. Neste ambiente, nós, brasileiros, desacostumados que somos a conviver com ruínas, sentimo-nos como se fosse possível tocar no passado ou, pelo menos, como se fosse possível ser testemunha de tudo o que os livros informam ter transcorrido ali. De qualquer modo, trata-se de um duplo encontro: com o presente das ruínas, em sua silenciosa concretude, e com o que reverbera das pedras, das árvores e dos vestígios, alimentando o que imaginamos ter sido o seu passado.

Os remanescentes arquitetônicos das Missões jesuítico-guarani nessa região se revestem de grande importância não somente por representarem parte do processo histórico da Região Platina e da formação territorial do Rio

Grande do Sul, mas, notadamente, por constituírem verdadeiro patrimônio histórico-cultural, do qual os gaúchos se consideram herdeiros. E partindo do fato de que em todas as sociedades os homens têm necessidade de saber quem são e de onde vêm, e que na busca dessas explicações se desenvolvem os chamados mitos de origem, pode-se afirmar que as Missões e toda sua carga simbólica estão no cerne do imaginário acerca da formação do gaúcho, uma vez que, etnicamente, este seria o resultado da miscigenação entre portugueses, espanhóis e guaranis. Se dos ibéricos este emblemático personagem teria herdado as feições, a religião e diversos valores francamente europeus, dos índios viria não somente o seu arraigado amor à terra, mas a coragem e a força para defendê-la a qualquer custo, assim como fizera Sepé Tiarajú, um dos protagonistas da Guerra Guaranítica.



Autor desconhecido, c.1924



Autor desconhecido, c.1924



A paisagem, os mitos e o imaginário em torno das Missões vêm, há décadas, alimentando as reflexões e produções de viajantes, escritores e artistas plásticos. Encontramos o mundo missioneiro na literatura de Erico Verissimo, Manoelito de Ornellas e Simões Lopes Neto, assim como nas imagens de artistas tão distintos como Aldo Locatelli, Lívio Abramo, Cildo Meirelles, Vera Chaves Barcellos, Daniel Senise e Carlos Vergara. A exuberância da atmosfera local, a força da terra e a pujança das pedras e de tudo o que elas encerram atraem e seduzem de modo inconteste. E não foi diferente com Luiz Carlos Felizardo, um dos nomes mais significativos no panorama da fotografia contemporânea brasileira.

A relação de Felizardo com as ruínas de São Miguel construiu-se sobre muitas coincidências. Seu pai, Alfredo Felizardo, trabalhava no Departamento de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas do Estado, órgão responsável pela primeira intervenção no local, entre 1925 e 1927. Foi dele que Felizardo herdou algumas fotografias da catedral de São Miguel, datadas do início da década de 20 do século passado. Uma outra situação remete a uma carta de Luiz Carlos Prestes a seu primo Alfredo, de 6 de abril de 1942. Escrita da prisão e comentando um livro que recebera de Alfredo, nela Prestes relembra o momento de formação daquela que ficou conhecida como Coluna Prestes.

Muitas das antigas imagens herdadas do pai integram a presente exposição e testificam o estado de abandono em que se encontravam os remanescentes arquitetônicos das Missões, bem como as primeiras atitudes tomadas, no sentido da limpeza e da consolidação do que restara dos edifícios. Nesses registros, chama a atenção a portentosa vegetação entre as pedras, precipitando-se a partir das paredes, pilares e cornijas. Se, enquanto tema para artistas e escritores, a ruína geralmente está relacionada à idéia de passagem do tempo e às vaidades humanas, aqui nos leva a refletir sobre a dialética entre cultura e natureza. A obra dos homens, consciente e normativa, vê-se combalida pela força inconsciente e irrefreável da natureza, capaz de dominar a construção mais magnífica. Os escombros e destroços, nessas imagens comoventes, sugerem o debate acerca da absorção da arte pela natureza, e da consideração da natureza como princípio da arte.

Uma vez que a ruína é o que sobra quando o mundo do que é vestígio já sucumbiu, também podemos pensá-la como testemunho da fragilidade da existência e da vacuidade de tudo. Como lembra Antoni Marí, em texto para a exposição *El Esplendor de la Ruina* – apresentada entre julho e outubro de 2005 em Barcelona, Espanha –, ela termina por ser a “[...] presença trágica, ou grotesca, de um esplendor perdido, que permanece inalterável em uma nova ordem na qual nada é reconhecível. Na ruína, o tempo, o passado e a história se mostram com sua irrevocável devastação, e quem a contempla sente que, como a ruína, ele também está submetido ao passo do tempo, à decrepitude, ao envelhecimento e à morte”.

Observando a produção de Felizardo, é inegável o seu apreço pelo tema do esmorecimento e da impermanência. A reflexão sobre a efemeridade encontra nos prédios decrépitos, nas taperas, nos cemitérios e mesmo nas paisagens modificadas pelo homem um mote para sua poética. Ao conferir importância a essas construções, objetos e situações, o fotógrafo exprime e manifesta a essência de seus questionamentos e cismas sobre o mundo e as coisas que lhe cercam e tocam.

O primeiro contato do fotógrafo com o local foi em 1973. Três anos depois, realizando com o Prof. Júlio Curtis um trabalho para ao Instituto dos Arquitetos do Brasil (RS) sobre a arquitetura histórica do Rio Grande do Sul, fez um levantamento mais completo, incluindo detalhes das reduções de São Lourenço Mártir e de São João Batista. Seguiram-se ainda outras viagens importantes à região: em 1979 e em 1987, quando participou das comemorações dos 300 anos das Missões, integrando o projeto *Missões 300 Anos – A Visão do Artista*. Com curadoria de Frederico Moraes e capitaneada pelo então SPHAN e pelo Grupo Iochpe, A Visão do Artista envolveu outros dez artistas contemporâneos do Brasil, da Argentina e do Paraguai, cujos trabalhos percorreram as cidades de Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Na ocasião, Felizardo exibiu oito fotografias que, somadas a mais de 30 outras imagens (incluindo os registros do início do século passado), compõem o presente projeto.



Obedecendo ao padrão felizardiano, as fotografias são em preto e branco e a maioria foi feita com equipamento de grande formato. Os enquadramentos enfatizam não somente a precisão característica do artista, mas o rigor arquitetônico do templo, com sua rústica mas elegante alvenaria de silhar, tendo a pedra grés como base. As composições evidenciam igualmente a dinâmica das arcadas, mesmo das cegas, que podem ser tão somente sugeridas, como nos propõe o fotógrafo ao justapor paredes de pedra com aberturas que desembocam em novas paredes e em novas pedras, numa enredada perspectiva.

Se, na tradição cristã, os fiéis constituem metaforicamente as pedras do edifício espiritual da igreja, na frondosa catedral de São Miguel Arcanjo as rochas fungosas, lascadas, dilaceradas ou deturpadas por nomes de tantas pessoas que por ali cruzaram parecem remeter verdadeiramente ao cenário de um crime, expressão cunhada pelo próprio Felizardo para intitular o seu ensaio fotográfico apresentado no já distante ano de 1987... No silêncio dessas pedras, na rugosidade de suas superfícies, no vazio dos nichos e na melancolia dos fragmentos soltos pelo chão outrora árido, a solidez e a transitoriedade dialogam, em suas várias possibilidades. E a fotografia mostra-se mais uma vez em sua irrestrita magia, ao prolongar uma situação que efetivamente existiu, mas que, ao mesmo tempo, é pura ficção.

Paula Ramos

















GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governadora
Yeda Crusius

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO

Secretária
Mônica Leal

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

Direção
Cézar Prestes

Núcleo de Exposições - MARGS

Luciano Monteiro
Rafael Araújo
Vera Fedrizzi
Célia Donassolo

Núcleo de Comunicação - MARGS

Cybeli Moraes
Letícia Pakulski

O SONHO E A RUÍNA

Curadoria
Paula Ramos e Luiz Carlos Felizardo

Seleção e tratamento de imagem
Luiz Carlos Felizardo

Textos
Armindo Trevisan

Briane Bicca e Paulo Bicca

Paula Ramos

Tabajara Ruas

Projeto gráfico
Sandro Fetter
(sobre concepção original de Luiz Carlos Felizardo)

Digitalização
VS Digital e Luiz Carlos Felizardo

Impressão dos painéis
GRB Fine Art Printing

Montagem dos painéis
Leopoldo Plentz

Administração do projeto
Lahtu Sensu Administração Cultural

Projeto gráfico do folheto
Glaucio Campelo | UNIDESIGN

Projeto



Patrocínio



Paço Imperial/MinC IPHAN



Ministério
da Cultura



Realização



Apoio

